

Jesuton em modo acústico

Cantora britânica apresenta suas canções autorais e releituras no Dolores Club

Por Affonso Nunes

Jesuton comemora uma década de trajetória musical com um show que revisita sua performance acústica de voz e violão. Acompanhada por Isaac Negrene nas cordas, a cantora apresenta um repertório cuidadosamente selecionado, marcado pela conexão intensa que construiu com o público ao longo dos anos.

O espetáculo traça um panorama de sua evolução artística, combinando interpretações marcantes com faixas autorais que a levaram a grandes palcos, como Rock in Rio, The Town e Lollapalooza. No repertório, canções do DVD “Show Me Your Soul”, do álbum “Encontros” e de “Home”, seu primeiro trabalho autoral.

Em 2013, gravou três músicas para trilhas sonoras de novelas da TV Globo: “I’ll Never Love This Way Again” (Salve Jorge), “Holocene” (Flor do Caribe) e “Because You Loved Me” (Sangue Bom). No ano seguinte, lançou “Show Me Your Soul”, DVD dedicado a releituras de clássicos do soul, que contou com a participação de Marcelo D2.

“Home”, seu primeiro álbum



Divulgação

Britânica, filha de mãe jamaicana e pai nigeriano, Jesuton desenvolveu forte conexão com a MPB

autoral, chegou em 2017, com produção de Mario Caldato Jr., conhecido por trabalhos com Beastie Boys, Marisa Monte e Seu Jorge. Em 2023, lançou sua

primeira música em português, “Florescer”, faixa que integra o EP Bloom, que também inclui dois poemas autorais.

“Este show é um rito de pas-

sagem, um instante para refletir sobre o caminho percorrido e reconhecer cada versão minha que moldou quem sou hoje. Durante dez anos, Isaac e eu exploramos esse formato íntimo de voz e violão, transformando emoções em música e criando conexões profundas. Agora, estou prestes a lançar meu primeiro álbum autoral em português, ‘Hoje’, onde mergulho em novas facetas da minha identidade e ancestralidade. Antes de seguir adiante, quero trazer esse show de volta ao Rio, onde tudo começou”, afirma Jesuton.

No repertório, a fusão entre soul, R&B, pop e influências brasileiras dá o tom da apresentação. De “I’m Coming Out” a “Let’s Get It On” e “Sexual Healing”, passando pela intensidade de suas canções.

SERVIÇO

JESUTON: 10 ANOS - VOZ, VIOLÃO E A VIDA

Dolores Club (Rua do Lavradio, 10, Centro)

4/4, às 20h

Ingressos: R\$ 80, R\$ 60

(promocional antecipado) e

R\$ 40 (meia) via Sympla

CRÍTICA / DISCO / CANTAREIRA

Eis a diversidade da música brasileira

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do álbum independente “Cantareira”, do poeta, letrista e compositor Glauco Luz. Este é o terceiro trabalho gravado por este pernambucano, residente em Brasília. Seu primeiro CD, “Muito Tudo”, foi gravado em 2009; já o segundo, “Refinaria”, com produção do baterista Di Stéfano, gravado em 2017, é um álbum duplo com participação de grandes intérpretes.

Glauco é um ótimo letrista! Com imagens bem sacadas, a emoção vem na medida certa. E com toques de bom-humor à flor da pele, a prosódia é posta a serviço da métrica das melodias de seus parceiros. O resultado são composições de gêneros diversificados, entre os quais preponderam o espírito nordestino, a mais relevante e tradicional

música caipira e o samba, todos pedindo passagem, movidos a versos que assumem o ar da versatilidade da verve de Glauco. Ouça o álbum em <https://acesse.one/Uhk5T>.

Todos os arranjos são de Roberto Mendes e Josué Costa. E foi Costa quem entusiasmou Glauco a gravar o álbum, cuja ideia inicial seria apenas um trabalho com voz e violão. Mas, na sequência da gravação, devido a variedade de gêneros das composições, foram arregimentados outros instrumentos. E, enfim, Glauco admitiu assumir sua veia de “cantautor”, segundo ele mesmo, “Sem pretensão, mas também sem receio”. Algumas faixas do CD.



Divulgação

“Cantareira” (Glauco Luz) abre a tampa. O arranjo incendeia o suingue da nordestinidade. Glauco canta o que lhe pede a alma criadora. A pisada, com Larissa Umayta (percussão), Josué Costa (violão) e Ademir Jr. (clarinete), dá conta de

criar a atmosfera da qual Glauco se vale para cantar com boa voz de compositor que é: “Quero todo dia teu amor e poesia/ Chuva criadeira, barulheira, ventania (...)”

Com os mesmos músicos da faixa anterior, com a letra tratando do drama do cotidiano, vem “Urbe” (Geraldo Brito e Glauco Luz), um samba cantado por Glauco com o cuidado de quem é atento aos fatos: “A cidade cresce/ E com ela a favela o estresse/ A cidade incha e com ela a miséria e a rixa/ Boca-de-sapo, olho de lince, pé-de-cabra/ E a malandragem não acaba (...)”.

“Eremita Urbano” (Aurélio Melo e Glauco Luz) abre com

Ademir Jr. (clarinete), logo seguido por Queijinho (acordeom), embaçados por José Roberto Mendes de Moraes (violão e percussão.) Logo, Glauco canta: “Eu escrevo torto/ Mesmo Em linha reta/ Não sou o anjo barroco/ Sou muito louco/ Sou quase poeta (...)”.

“Fuxico” (Osnir e Glauco Luz), samba esperto e letra astuta, bem interpretada por Glauco: “Ela vive criticando/ Falando que eu ando esnobando Tinoco e Tonico/ Eu quando em vez, vez em quando/ Me pego cantando a Vila Isabel de Noel e Vadico. O suingue do arranjo vem do violão (Josué Costa) e da percussão (Larissa Umayta), e pega no breu com o coro e o trompete (Ademir Junior).

Enfim, Cantareira é um belo álbum de Glauco Luz, um grande letrista da mais nova MPB.

***Vocalista do MPB4 e escritor**